A guerrilha de Frei Simão: romance historico

Alberto Pimentel

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

A guerrilha de Frei Simão: romance historico

Alberto Pimentel

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

A GUERRILHA DE FREI SIMÃO

LISBOA
Typographia e Stereotypia Moderna
11—Apostolos—1.º
1895

ALBERTO PIMENTEL

A GUERRILHA
DE
FREI SIMÃO

ROMANCE HISTORICO

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA—EDITOR
50, 52—Rua Augusta—52, 54
1895

DUAS PALAVRAS

Passei o dia 9 de setembro de 1894, em Cezár, na casa onde nasceu frei Simão de Vasconcellos, o protagonista d'este romance. A amavel hospedagem com que alli me recebeu o sr. Alfredo Praça de Vasconcellos, bacharel em mathematica pela Universidade de Coimbra e sobrinho de frei Simão, largamente me compensou dos incommodos da jornada. Eu ia, mediante prévia auctorisação, colhêr

informações directas sobre um assumpto que me indicára em Lisboa o meu illustre amigo o sr. visconde de Villa Mendo: o assumpto d'este livro, cujos pormenores estudei com desvelada exactidão.

Á roda do meu primoroso hospedeiro estavam reunidos em grupo todos os velhos de Cezár que ainda tinham conhecido frei Simão de Vasconcellos. Trez apenas. Ouvi da sua bôca a narração de interessantes minucias biographicas. Por favor do sr. Vasconcellos compulsei varios documentos de familia, posteriores ao auto-de-fé em que as justiças miguelistas pulverisaram o archivo da sua casa.

Creio que este romance deverá o «sens du réel», que porventura o vitalise, á profunda impressão que recebi, n'esse dia, em visita ao solar do Outeiro, sob os tectos que abrigaram parte da atormentada existencia de frei Simão; e em passeio pelos campos de Cezár, acompanhado pelos ultimos contemporaneos do frade guerrilheiro, que paravam reatando lembranças, mencionando logares e factos, e cujos cabellos brancos se doiravam a espaços com algum alado raio de sol que luciolava os frócos verdes do arvoredo.

Procurando, no pouco que me era possivel, retribuir a patriarchal cordealidade da hospedagem, pedi licença ao sr. Alfredo de Vasconcellos para lhe offerecer este romance,—a historia da sua familia.

Vi que as lagrimas lhe saltavam dos olhos n'esse momento. Olhando fito em mim com o olhar embaciado, o sr. Vasconcellos respondeu-me:

—Comprehendo a sua intenção, e agradeço-lh'a. Mas se v. quer dedicar o seu livro a um parente do frade do Outeiro, peço-lhe que o offereça á memoria de meu pobre irmão, o major Augusto Cezár de

Vasconcellos, morto na mallograda revolta de Braga em 1862, no cumprimento do seu dever.

E as lagrimas abafavam-n'o n'uma commoção torturada.

É pois á memoria d'esse infeliz sobrinho de frei Simão de Vasconcellos que eu dedico a chronica fiel da attribulada existencia e corajosa morte do tio.

Outras jornadas emprehendi por amor da verdade historica. Duas vezes tive de ir á Villa da Feira para reconstruir o episodio da evasão de frei Simão de Vasconcellos, da cadeia d'aquella villa.

Da primeira vez não pude colhêr as informações que desejava. A memoria dos velhos sobreviventes estava confusa e hesitante, quasi apagada. Da segunda vez, caminhei ao acaso, dirigindo-me, por palpite ou intuição, ao primeiro homem encanecido que encontrei. Felizmente, elle poude indicar-me a pessoa que reputava habilitada para esclarecer-me. Assim fiz; e assim foi.

Desde essa hora, o romance estava completo. E, emquanto o escrevia, eu comprehendia a exacta affirmação, que aos indifferentes de hoje parecerá arrojada hyperbole, contida n'esta phrase de Alexandre Herculano: «A guerra da restauração de 1832 a 1833 é o acontecimento mais espantoso e mais poetico d'este seculo.»

Lisboa, 13 de junho de 1895.

ALBERTO PIMENTEL.

I

Flor do Támega

Amor quiz..... Unir vontades que separa a guerra.

Braz Garcia de Mascarenhas—«Viriato tragico», canto XVIII.

Os Vasconcellos, de Cezár, gente de boa raça, aparentados com muitas familias illustres, entre as quaes os Pintos de Parámos, os Tavares e Pereiras da Terra da Feira e os Côrte-Reaes de Gafanhão, tinham como representante, no fim do seculo passado, José Bernardo Pereira de Vasconcellos, marido de D. Anna Margarida de Almeida Cabral.

D'este casamento nasceram cinco filhos e quatro filhas.

Sobejavam a José Bernardo meios de farta subsistencia para tão numerosa próle, pois que as suas propriedades se estendiam desde Cezár, na comarca da Feira, até á villa de Arouca, onde possuia a quinta do Outeiral.

José Bernardo fixára residencia, depois de casado, na casa do Outeiro, em Cezár, e, graças á sua abastança, podéra dar uma collocação decente aos cinco filhos varões, destinando uns á vida monastica, outros á carreira das armas, segundo a tradição grada d'aquelle tempo.

Simão, que nascêra a 28 de setembro de 1789, entrou na ordem de S. Bernardo, e professou em Alcobaça. José vestiu o habito benedictino no mosteiro de Refoyos de Basto.

Joaquim Maria e Frederico sentaram ambos praça no regimento de infanteria 6. Eram duas creanças, quando em 1808 foram reconhecidos cadetes. Fizeram a guerra peninsular, sendo Joaquim

Maria gravemente ferido, em uma perna, na acção de 31 de julho de 1813.

Antonio, o filho mais novo, ficou, em rasão de sua pouca idade, sob a tutella paterna, quando os irmãos, seguindo cada qual seu destino, se ausentáram da casa do Outeiro.

No fim do anno de 1814, Joaquim Maria foi promovido a tenente para infanteria 13. Mas obteve depois transferencia de arma, passando a servir em cavallaria.

Frederico era, em 1819, alferes ajudante de infanteria 18, aquartelada no Porto. Casando com D. Margarida Fontana, pediu a demissão, pura e simples. Mas o governo concedeu-lhe a reforma em attenção aos bons serviços, que tinha prestado durante a guerra peninsular. Devia ter sido o coronel commandante d'aquelle regimento, Bernardo Corrêa de Castro e Sepulveda, dedicado protector de Frederico Pinto, quem, junto do governo, interveio para que a demissão fosse substituida pela reforma.

Em 1820 rebentava a revolução liberal do Porto, e Frederico, apesar de ter renunciado á vida militar, interessou-se, com enthusiasmo e convicção, pelo bom exito do movimento revolucionario, que os portuenses haviam preparado.

É de presumir que as ligações de Frederico com o coronel Sepulveda o acirrassem nos ideaes do constitucionalismo.

Joaquim Maria, promovido a capitão e collocado em cavallaria 6, _dragões de Chaves_, resistiu, obstinado, ás suggestões absolutistas dos Silveiras, recusou-se em 1823 a acompanhal-os no movimento que principiou em Villa Real no dia da procissão de Passos.

Seriam apenas rasões de caracter politico as que crearam ao capitão de dragões essa dura situação de intransigencia em que teimosamente se conservou até á morte?

Não. Quando um homem pertinazmente salta por cima de todas as conveniencias pessoaes, com os olhos fechados, esse homem obedece, por via de regra, mais ao impulso do coração que do espirito.

N'aquella epocha de fluctuações e incertezas politicas, as opiniões transformavam-se com os acontecimentos do dia, ao sabor dos interesses de cada individuo ou de cada familia. O proprio monarcha dava o exemplo aos que o tinham visto jurar a constituição nas Necessidades e haviam de vêr depois ir a Villa Franca ao encontro do filho. Mas os que não abdicavam de suas crenças, e preferiam o martyrio á transigencia, esses tinham o coração dilacerado por algum golpe profundo, que resultára de vinganças partidarias exercidas contra elles mesmos ou contra as suas familias.

As feridas do corpo podem esquecer-se, depois que cicratisáram; mas as da alma parece reverdecerem com o tempo.

Joaquim Maria de Vasconcellos amára em Chaves uma menina, sobrinha de um abastado proprietario realista.

Ahi por 1822 o idyllio derivava mansamente, meio velado pelo disfarce com que o capitão de dragões queria occultar um segredo, que punha em xeque as suas convicções politicas, aliás notorias.

André Pinto, o tio da menina, era absolutista ferrenho, muito nas boas graças dos Silveiras; pessoa de tamanha confiança para elles, que não duvidavam encarregal-o de importantes commissões politicas.

Não tendo filhos, a sua herdeira presumptiva era a sobrinha, uma rosada transmontana de vinte annos, vasada nos moldes das mulheres fortes d'aquella provincia alpestre, onde o ar, coado atravez das montanhas, é puro e salubérrimo.

Não tinha que vêr com a vaporosa idealisação da Margarida de Gœthe aquella Margarida Candida, de Chaves, a quem Antonio da Silveira, futuro visconde de Canellas, pozera a alcunha de _Flor do Támega_ com uma galanteria alfacinha que tinha aprendido em Lisboa, durante os tormentosos dias em que, como presidente da junta do Porto, fez parte do governo constitucional, de arrependida memoria para elle.

Realmente, floria nas faces de Margarida Candida, presumptiva herdeira do abastado André Pinto, o carmim vivo dos cravos e das papoulas. Não era a mulher que parece quebrar pela cintura, flexivel como a haste de um lirio. Tinha a belleza da saude e da mocidade, algo serrana, mas esculptural.

Joaquim Maria era um guapo homem. Alguns velhos de Cezár affirmam ainda hoje que fôra «o homem mais bonito do seu tempo.» A farda de capitão de dragões e o garbo militar com que sabia uzal-a, davam realce aos dotes physicos que o distinguiam. Fica pois cabalmente explicada a fascinação que elle exerceu no espirito de Margarida Candida, apesar de ser alguns annos mais velho do que ella.

Mas o amor, se não conhece idades, desconhece tambem as balisas partidarias, que extremam os campos politicos.

Assim foi que Joaquim Maria, tão constitucional como todos os seus irmãos, á excepção de frei José, que era realista, se deixou captivar da graça desaffectada da sobrinha de André Pinto, silveirista da gemma.

A mascara do disfarce cahiu, logo que as lavas do amor vulcanisáram o coração dos dois namorados.

André Pinto percebeu a inclinação da sobrinha, contra a qual rompeu em desabridos improperios por amar um pedreiro-livre.

Pretendeu desacreditar a familia de Joaquim Maria e, por isso, dizia em voz alta que José Bernardo de Vasconcellos era filho de uma camponeza de Santa Christina de Mansores, chamada Maria Josepha.

Um flaviense de boa fé, muito intimo do fidalgo de Paiva, Martinho Pinto de Miranda Corrêa Montenegro, contestou que, por este seu amigo, sabia de sciencia certa que o avô de Joaquim Maria mandára educar o filho, e o deixára seu herdeiro; que, não obstante a creança ter sido baptisada como filho de paes incognitos, José Bernardo requerêra e obtivera a legitimação em 1819.

André Pinto barafustou contra esta réplica, insistindo em depreciar a linhagem do capitão de dragões.

Mas o flaviense escreveu ao fidalgo de Paiva, o qual lhe respondeu por escripto, dizendo:

«Muitas vezes ouvi a meu pae, o sr. Bernardo José Pinto Montenegro, encarecer a genealogia do avô e pae de Joaquim Maria de Vasconcellos, nossos parentes. São legitima geração de Sebastião Lopes Godinho, da casa de Cezár, homem muito fidalgo e descendente de Gil Garcia, e de João Carvalho, fidalgo da casa d'el-rei D. João III, casado com D. Anna Mendes de Vasconcellos. A familia de Joaquim Maria está aparentada com a melhor nobreza da sua comarca e provincia, e eu honro-me de ser seu parente.

«A legitimação de José Bernardo fez-se segundo o disposto nas leis

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com